

DAMASCENO, Camila. **Às vezes, fazer algo poético pode ser tornar político. Às vezes, fazer algo político pode se tornar poético.** Campinas: Unicamp. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA - Unicamp; Doutorado; Matteo Bonfitto. Dramaturga do Núcleo Tumulto de Investigação Cênica.

### RESUMO

Este trabalho apresenta pesquisa teórico-prática nos campos do Teatro Performativo e das Artes Visuais Públicas Contemporâneas correlacionando tal proposta à ideia de Interdisciplinaridade, tema da mesa realizada no Seminário de Pesquisa do PPG-ADC/Unicamp. O projeto de doutorado em desenvolvimento desde o primeiro semestre de 2017 tem como objetivo traçar mais precisamente o conceito de “dramaturgo performer”. A investigação parte da análise de trabalhos dos artistas visuais Francis Alÿs e Banksy em diálogo com a obra de Tadeusz Kantor, através de um olhar fenomenológico que mira tais práticas em relação às noções de “esfera pública” e “ação” em Hannah Arendt. O pressuposto é de que a pesquisa possibilite apontar modos de criação dramática em um contexto no qual o fazer artístico se apresenta como ação na esfera pública. A interdisciplinaridade está no cerne desta proposta enquanto prática de pesquisa que busca expandir a interlocução entre tais manifestações artísticas a procura de mecanismos comuns às disciplinas abordadas, considerando uma das principais características do performativo: o transbordamento de fronteiras entre os saberes e práticas.

**Palavras-chave:** ação. dramaturgo performer. esfera pública. Interdisciplinaridade. teatro performativo.

### ABSTRACT

This work presents an interdisciplinary theoretical-practical research in the fields of Performative Theater and Contemporary Public Visual Arts, correlating this proposal with the idea of Interdisciplinarity, theme of the panel held at the PPG-ADC / Unicamp Research Seminar. The PhD project in development since the first half of 2017, aims to more precisely outline the concept of "performative playwright". The research starts from the analysis of works by visual artists Francis Alÿs and Banksy in dialogue with the work of Tadeusz Kantor, through a phenomenological view that looks at such practices in relation to the notions of "public sphere" and "action" in Hannah Arendt. The assumption is that the research makes it possible to point out ways of dramaturgical creation in a context in which the artistic making presents itself as action in the public sphere. The interdisciplinarity is at the heart of this proposal as a research practice that seeks to expand the interlocution between these artistic manifestations in search of mechanisms common to the disciplines addressed, considering one of the main characteristics of the performative: the overflowing of borders between knowledge and practices.

**Keywords:** action. performative playwright. public sphere. Interdisciplinarity. performative theater.

Este trabalho apresenta pesquisa teórico-prática nos campos do Teatro Performativo e das Artes Visuais Públicas Contemporâneas correlacionando tal proposta à ideia de interdisciplinaridade, tema da mesa realizada no Seminário de Pesquisa do PPG-ADC/Unicamp, onde foi

apresentado. O projeto de doutorado em desenvolvimento desde o primeiro semestre de 2017 tem como objetivo traçar mais precisamente o conceito de “dramaturgo performer”. A investigação parte da análise de trabalhos dos artistas visuais Francis Alÿs e Banksy em diálogo com a obra de Tadeusz Kantor, através de um olhar fenomenológico que mira tais práticas em relação às noções de “esfera pública” e “ação” em Hannah Arendt. No presente texto, no entanto, me aterei a breve apresentação de dois trabalhos específicos de Banksy e Alÿs, realizados na Palestina, apresentando os principais pontos da pesquisa em diálogo com a noção de interdisciplinaridade.

### *A Esfera Pública e o tornar visível*

Em “A Condição Humana”, Hannah Arendt, ao definir a noção de esfera pública, parte de um duplo significado de “público” que se expressa em termos correlatos, porém não idênticos. Em uma primeira abordagem, público é tudo aquilo que pode ser visto e ouvido por todos, tendo a maior divulgação possível, enquanto uma segunda abordagem dá conta do significado de “público” como sendo o próprio mundo “na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele” (ARENDR, 2007:62).

Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto das mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum (...), como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens (ARENDR, 2007:62).

Desta forma, a esfera pública não é reduzida a um lócus físico, um território entremuros que outrora delimitavam a cidade, o espaço político, o comum. Ela se dá no campo da visibilidade dos conflitos e contradições, do tornar visível e do tomar a voz, do “direito de aparecer como sujeito enunciator” (DEUTSCHE, 2009, p. 176).

Para a crítica e historiadora da arte Rosalyn Deutsche, os artistas que intencionam aprofundar e estender a esfera pública tem uma dupla tarefa que passa por criar trabalhos que auxiliem os “invisíveis” a “fazer sua aparição”, ao mesmo tempo em que sejam capazes de desenvolver a habilidade do espectador para a vida pública, “ao solicitar-lhe que responda a essa aparição, mais do que contra ela” (DEUTSCHE, 2009:176). Este duplo movimento apresenta-se nas obras que serão relatadas a seguir, uma vez que a realização de ambas nos propõe um outro olhar para o conflito Israel-Palestina, tão midiaticamente explorado durante as últimas décadas.

### *Algo político que é poético*

Um hotel com “a pior vista do mundo” foi inaugurado em cinco de março deste ano (2017). Obra do artista visual britânico Banksy, o prédio está localizado em Belém, na Cisjordânia, diante do muro de concreto construído por Israel em território que disputa com a Palestina, na chamada Zona Ocupada. Não é uma brincadeira, como o texto de “perguntas frequentes” do site do artista esclarece. O hotel conta com serviço de quarto, piano bar e loja de *souvenirs*, onde o visitante pode fazer seu próprio *stencil* – técnica muito

utilizada pelo artista em intervenções urbanas. Obras de Banksy e de artistas locais estão instaladas em todos os cômodos e as acomodações vão desde quartos compartilhados à suíte presidencial, decorada em estilo colonial britânico, lembrando a ocupação da Cisjordânia pelo Reino Unido durante a primeira metade do século XX.

Esta não é a primeira vez que Banksy realiza uma obra na região. Desde 2005, tem sido comum aparecer grafittis e intervenções assinadas por ele nos dois lados da fronteira. Em 2015, o britânico lançou o vídeo “*Make this the year YOU discover a new destination*”<sup>1</sup>, apresentando suas intervenções mais recentes e se posicionando diante do conflito entre Israel e Palestina. Banksy, no entanto, não é um ativista político. Antes de tudo, é um artista visual, com obras (re)vendidas nos circuitos tradicionais de arte, realizando trabalhos em diversas plataformas, assim como exposições e intervenções urbanas, ao mesmo tempo em que elabora manifestações artísticas críticas às instituições museológicas tradicionais e questionadoras de uma forma de arte que se baseia na produção de objetos comercializáveis. O caráter político de suas manifestações, tematiza, no entanto não reduz, o aspecto poético das imagens e ações que produz.

#### *Algo poético que é político*

O ano é 1995. Durante a Bienal de São Paulo, o artista visual belga Francis Alÿs caminha por ruas do centro da cidade carregando uma lata de tinta azul com um pequeno furo por onde escorre um fino fio do líquido. Ao caminhar, o artista deixa um rastro atrás de si. A performance é registrada em vídeo e passa a incorporar as outras obras do artista presentes na Bienal. O trabalho é intitulado “*The Leak*” (“O vazamento”). Anos depois, a prática é retomada em outras duas oportunidades. Na primeira, em 2003, Alÿs repete o gesto pelas ruas de Paris, usando agora uma lata de tinta branca. Assim como no contexto da ação realizada em São Paulo, o artista estava na cidade francesa para participar de uma exposição de outros trabalhos autorais. “Esse trabalho era um gesto simples, uma maneira de converter o ato de andar em algo físico, mais duradouro do que a própria caminhada” (FERGUSON, 2007:101, tradução nossa).

É na segunda retomada do projeto que Francis Alÿs explora a possibilidade de deslocar a ação poética para um contexto fortemente marcado por tensões políticas: a demarcação da fronteira entre Jerusalém Leste e Oeste, conhecida como *Green Line*. O trabalho então ganha um novo título: *Às vezes fazer algo poético pode se tornar político. Às vezes fazer algo político pode se tornar poético*.<sup>2</sup> O deslocamento da performance complexifica o trabalho, adicionando outras camadas à versão original, mas os elementos gestuais poéticos de “*The Leak*” permanecem e levam o artista a compartilhar textualmente o seguinte questionamento: “Como a arte pode permanecer politicamente significativa sem assumir um ponto de vista doutrinário ou aspirando a se tornar ativismo social?” (idem)

---

<sup>1</sup> O vídeo completo pode ser acessado por meio deste link: <https://www.youtube.com/watch?v=3e2dShY8jlo>

<sup>2</sup> No link a seguir, é possível assistir trechos da performance comentados pela antropóloga palestina Rima Hamami, uma das pessoas convidadas por Alÿs para dialogar sobre a obra. <https://youtu.be/QIHZNa2P9Oo>

Os trabalhos destes dois artistas visuais, Francis Alÿs e Banksy, apresentam-se como principais interlocutores artísticos na minha pesquisa de doutorado; que busca investigar o lugar da dramaturgia performativa diante da emergência de um retorno à esfera pública que os tempos atuais parecem clamar, com suas inúmeras rearticulações coletivas em torno de práticas artísticas e sociais em todo o mundo.

A curiosidade que me conduz em direção às artes visuais públicas está em um impulso em transbordar as fronteiras entre um campo e outro (artes visuais e cênicas), por uma percepção de que ambos atuam em um território muito específico, um *locus* que também não é físico, mas, de certa forma, discursivo, narrativo, político e, por sua vez, público.

Entendendo dramaturgia enquanto articuladora de processos, discursos, imagens poéticas, sentidos e sensações e não somente como produtora de uma materialidade textual, o objetivo geral da pesquisa é traçar a conceituação de “dramaturgo performer” – conceito que comecei a elaborar no processo de mestrado ao estudar a relação entre dramaturgia performativa e construção de corporeidades, através da análise do trabalho do grupo espanhol *La Carnicería Teatro*. Neste sentido, o próprio campo da dramaturgia se apresenta como fundamentalmente interdisciplinar.

### *Dramaturgo Performer*

No processo de análise dos resultados do mestrado citado, ao tentar capturar as especificidades de uma prática dramaturgical contemporânea que não se limita a lidar com os materiais textuais de uma obra teatral, foi cunhado pela primeira vez o termo “dramaturgo performer”. Na ocasião, a pesquisa se lançava na relação entre dramaturgia performativa e criação de corporeidades, em busca do “lugar da dramaturgia no teatro performativo”. Foram analisados processos de criação do grupo espanhol *La Carnicería Teatro* que revelaram uma multiplicidade de competências necessárias à realização deste processo de criação específico, apontando para uma presença distinta do dramaturgo na realização das obras e gerando uma abordagem de dramaturgia enquanto catalizadora de processos e procedimentos geradores de imagens poéticas e propulsores de uma oscilação, um fluxo entre os aspectos interpretativos e perceptivos da obra.

A construção de uma dramaturgia performativa parece então passar por uma atitude do dramaturgo que não se detém à criação de um *texto para a cena* ou de uma “ideia de encenação”, mas trabalha principalmente no desenvolvimento de uma escritura “cênico-dramaturgical”, como afirma José Da Costa, que “diz respeito a um campo de mediações intertextuais, intertemporais, intersemióticas, interartísticas e/ou intermídias”, a qual eu acrescentaria ainda *intercorporais e intermateriais* (DAMASCENO, 2015:97).

Ainda assim, algumas perguntas permanecem em aberto e impulsionam este novo projeto, que pretende, mais do que a consolidação de um “manual de dramaturgia performativa”, se realizar como uma proposta de modos de habitar este campo.

A ideia de uma aproximação entre Teatro Performativo e Artes Visuais Públicas Contemporâneas se dá a partir do contato com produções e reflexões a respeito destas manifestações que dão conta de processos de

criação artísticos muito específicos quanto ao modo de se fazer presentes na esfera pública.

A discussão sobre a arte hoje parte da assunção de que, em si mesma, ela subsiste na dimensão da esfera pública. Não há arte para além do que possa ser socialmente instituído. Esse a priori da arte como coisa pública, no entanto, se refina em intento político nas proposições de comprometimento com a realidade social. Estas se identificam como arte pública e o fazem em mudança paradigmática: em seu novo desígnio, se desvinculando do autoritarismo do monumento, se apresentam como campo de ação engajada com a democracia (MASSON e QUINTELLA, *apud* FRADE, 2012:88).

Circulando em um fluxo intra e extramuros, propondo questionamentos à ideia de fronteiras entre vida e obra, entre representação e realidade, trabalhando a partir de diversos materiais, criando condições de circulação de suas obras em múltiplas plataformas a partir da criação de imagens poéticas potentes, estes artistas parecem carregar os mesmos princípios que movimentam as criações cênicas performativas contemporâneas; não somente na criação de suas obras, mas em seus modos de estar no mundo.

Diante desta perspectiva, algumas questões se delineiam no horizonte desta pesquisa: Em que medida as práticas dos artistas visuais pesquisados gera condições de reestabelecer a dimensão de esfera pública na sociedade nas quais se fazem presente? Como a prática de uma dramaturgia performativa pode propor procedimentos e imagens poéticas capazes de gerar visibilidade aos conflitos e contradições presentes na esfera pública, proporcionando uma experiência tanto aos artistas envolvidos na obra em questão quanto ao público? Quais passam a ser, então, as competências necessárias para a realização de uma dramaturgia performativa potente? E, diante das questões metodológicas, como a interdisciplinaridade se manifesta enquanto prática e processo de produção de conhecimento?

É diante deste cenário que se propõe a pesquisa em questão. A partir das noções de “ação” e “esfera pública”, apresentadas por Hannah Arendt em “A Condição Humana”, pretende-se traçar mais precisamente o conceito de “dramaturgo performer”, a fim de apontar modos possíveis de criação dramática em um contexto no qual o fazer artístico se apresenta como ação na esfera pública.

A busca é por compreender os mecanismos de uma forma de atuação artística que seja capaz de criar a dimensão de esfera pública, não como arte relacional, mas como instauradora de fluxos perceptivos – ou, em outras palavras, da multiestabilidade perceptiva<sup>3</sup> como proposta por Fischer Lichte em *The Transformative Power of Performance* - que se estabeleça em um lugar liminar, instável, capaz de acessar artistas e espectadores tanto pela via sensorial quanto pela dimensão interpretativa, através da criação de imagens poéticas capazes de dar visibilidade a conflitos e contradições.

---

<sup>3</sup> No referido livro, a autora Érika Fischer-Lichte propõe este termo para fazer referência a uma oscilação na percepção do espectador diante da obra, de forma que em turnos, a dinâmica do processo perceptivo sofre novas viradas, criando cada vez mais instâncias de desestabilização (FISCHER-LICHTE, 2008).

### *Interdisciplinaridade*

Uma atitude interdisciplinar diante das pesquisas costuma nos levar a buscar, constantemente, a ampliação de determinadas noções, determinados sistemas de códigos e suas abrangências, transbordar as fronteiras entre campos do saber de forma a ampliar nossa compreensão dos fenômenos pesquisados. No entanto, essa ampliação de visão não significa uma dispersão por zonas correlatas, mas uma verticalização no campo primeiro, no de maior domínio e imersão do pesquisador ou pesquisadora. A interdisciplinaridade, desta forma, se realiza enquanto processo teórico e prático de conhecimento e ação (COIMBRA, 2000, p.59), pois,

(...) longe de restringir-se a simples metodologia de ensino e aprendizagem, é também uma das molas propulsoras na reformulação do saber, do ser e do fazer, à busca de uma síntese voltada para a reorganização da *óikos* – o mundo, a nossa casa.  
(idem)

A busca por um processo interdisciplinar, seja intra, seja intertextual, é movida no sentido contrário à superespecialização, a um processo de conhecimento que isola o material e o distancia de quem o observa. Desta forma, percebo a interdisciplinaridade como uma característica metodológica, um modo de pesquisar que impõe uma atitude diante dos materiais; atitude que, por sua vez, é uma das características próprias à noção de performatividade cênica.

A proposta de um diálogo entre Arte Pública Contemporânea e Teatro Performativo tem em seu cerne uma interdisciplinaridade intratextual, considerando que ambos estão sob o domínio das investigações e práticas artísticas; da mesma forma que, ao trazer para uma interlocução teórica a filósofa Hannah Arendt, o campo pesquisado se expande proporcionando uma relação de intertextualidades, pois requer uma imersão em domínios nos quais ainda estou começando a adentrar.

Ao tomar a Interdisciplinaridade como relação de transferência de lógicas, no entanto, questiono o quanto essa aproximação à filosofia de fato torna a pesquisa “interdisciplinar intertextual” (nos termos apresentados pelo Prof. Matteo Bonfitto nesta mesma mesa), já que o diálogo que se estabelece permanece no campo das ideias propagadas e não da lógica de construção formal de um discurso e de uma prática. O contato com a filosofia, me parece, expande meu olhar, abre possibilidades de leituras e percepções distintas do fenômeno pesquisado e é indispensável já que parto justamente de uma definição que se deu no campo dos estudos filosóficos políticos, mas talvez não seja suficiente para afirmar um caráter de interdisciplinaridade intertextual da pesquisa.

Ainda considerando a relação de “transferência de lógicas”, a própria ideia de investigar estruturas comuns às Artes Públicas Contemporâneas e ao Teatro Performativo, se torna também uma questão; pois, mais do que a procura por procedimentos que possam ser elaborados como uma espécie de manual, o conceito de dramaturgo performer que se pretende não é um manual de dramaturgia performativa, é antes uma investigação nos modos de habitar esse campo, nas expansões possíveis da própria noção de dramaturgia. Neste sentido, uma possível ambivalência de práticas pode ser apreendida enquanto “transferência de lógicas”?

A busca então não se dá somente a pontos de encontro, de consonância, mas às possibilidades de fricções; possibilidades de um contágio, mas também de trazer à luz as contradições que surgirem neste processo.

### **Referências Bibliográficas**

- ALYS, Francis. *The Green Line*. Jerusalém, 2004. Disponível em: <http://francisalys.com/the-green-line/>. Acesso em: 17 de setembro de 2016.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- COIMBRA, José de Ávila Aguiar. *Considerações sobre a interdisciplinaridade*. In: PHILIPPI JR, Arlindo et al. (Org.) *Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais*. São Paulo: Ed. Signus, 2000.
- DEUTSCHE, Rosalyn. *A arte de ser testemunha na esfera pública dos tempos de Guerra*. Revista Concinnitas/UERJ, ano 10, vol. 2, 2009.
- FERGUSON, Russell. *Francis Alÿs: Politics of Rehearsal*. Los Angeles: University of California, 2007.
- FISCHER-LICHTE, Erika. *The Transformative Power of Performance: A New Aesthetics*. Londres: Routledge, 2008.
- FRADE, Isabela. *Cartografia criativa no desafio dos limites da esfera pública*. Revistas Poiésis, nº19, p.87-106, 2012.